

BOLETIM DE CONJUNTURA

71

2012

4º TRIMESTRE

preços de venda

carteira de encomendas

estado dos negócios

tendências

produção e utilização da capacidade

peessoas ao serviço

A P I C C A P S

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

O último trimestre de 2012 ficou aquém das expectativas da indústria de calçado embora tenha correspondido a um estado dos negócios que a maioria das empresas considera ser ainda suficiente. A produção e as encomendas tiveram uma evolução tendencialmente negativa, nomeadamente para as empresas que vendem menos coleção própria, enquanto os preços e o emprego se mantiveram estáveis. O abastecimento em matérias-primas tem ganho um destaque crescente entre as limitações à atividade com que as empresas se confrontam.

Para o início de 2013, a indústria portuguesa de calçado está moderadamente otimista, com as empresas que preveem aumentos da produção e das encomendas a serem claramente mais numerosas do que as que receiam o inverso. As empresas acreditam que, no curto prazo, o estado dos negócios não registará alterações significativas.

Publicação Trimestral editada pela



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

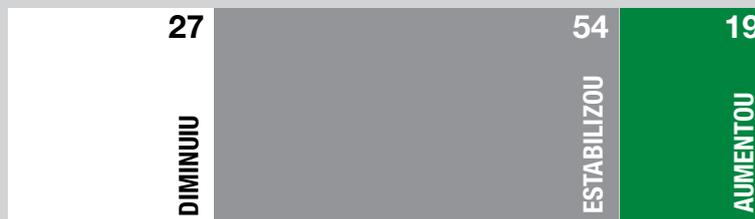
Com o apoio do programa COMPETE

Coordenação Técnica

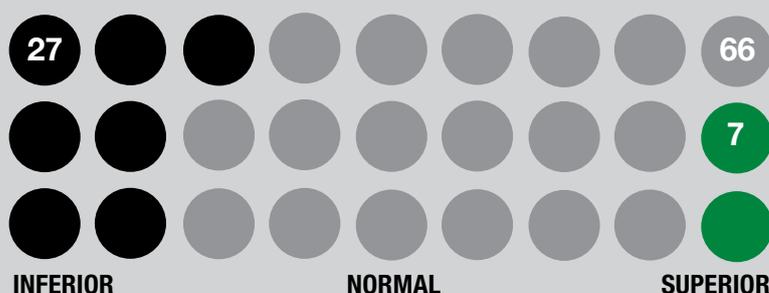
CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da
Universidade Católica Portuguesa, Porto

Produção

Contrariando as expectativas existentes, no último trimestre de 2012 foram mais as empresas cuja **produção** diminuiu do que as que a viram aumentar, originando um saldo de respostas extremas (s.r.e.) negativo em 8 pontos percentuais (p.p.). Este resultado teve sobretudo origem numa evolução muito desfavorável das empresas sem coleção própria, que registaram um s.r.e. de -32 p.p.



Utilização da Capacidade



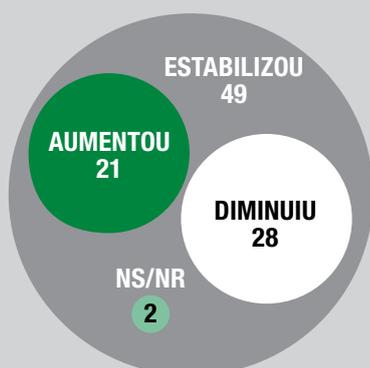
Embora dois terços das empresas afirmem que o seu nível de **utilização da capacidade produtiva** foi normal para a época do ano, o saldo entre as que dizem que foi superior e inferior ao normal aproximou-se de -20 p.p., anulando a recuperação registada no trimestre anterior, sendo novamente as empresas sem coleção própria que registaram um resultado mais desfavorável.

Carteira de Encomendas

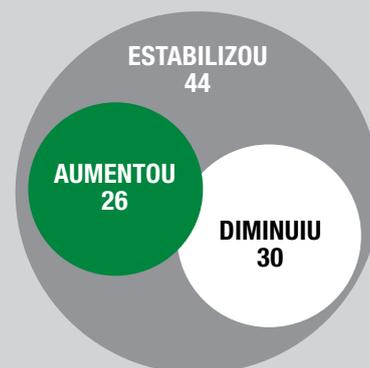
A **carteira global de encomendas** teve um comportamento semelhante à produção: metade das empresas dizem que estabilizou mas foram mais as que sofreram uma diminuição do que as que beneficiaram de um aumento, resultando num s.r.e. de -7 p.p. Mais uma vez, foram as empresas sem coleção própria a registar uma evolução mais negativa: em contrapartida, entre as que só vendem coleção própria, o s.r.e. foi muito positivo (+29 p.p.).

No que respeita à **carteira de encomendas vindas do estrangeiro**, a percentagem de empresas que registaram um aumento foi maior, por contrapartida de um menor número de indicações de estabilização, o que permitiu um s.r.e ligeiramente mais favorável (-4 p.p.), em linha com as previsões formuladas no final do terceiro trimestre.

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



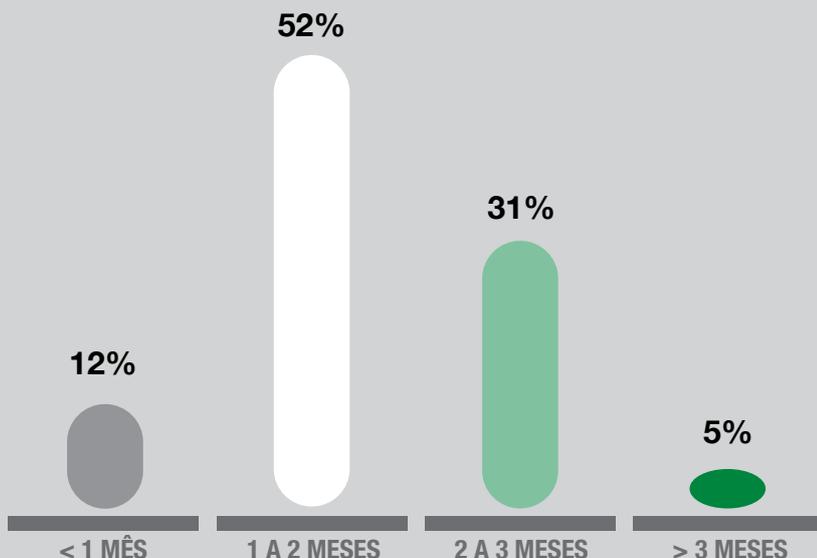
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



Horizonte

PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

O comportamento menos favorável das encomendas levou, como seria de esperar, a uma diminuição do tempo de **produção assegurada pela carteira de encomendas**. A percentagem de empresas que afirmam ter “menos de 1 mês” ou “1 a 2 meses” de atividade garantida aumentou de 54% para 64%. Contudo, entre as empresas que se dedicam exclusivamente à exportação, 80% dizem ter, pelo menos, 2 meses de produção em carteira.



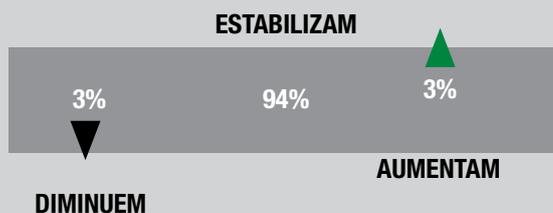
Preços

As respostas das empresas apontam para que, na parte final do ano de 2012, o nível dos **preços** se tenha mantido inalterado, tanto em Portugal como no estrangeiro. No primeiro caso, 83% das empresas declaram que os preços estabilizaram e o saldo de respostas extremas é de -1 p.p. Quanto aos mercados externos, a percentagem das que não notaram alteração é ainda mais elevada, 94%, e o s.r.e. é nulo. De salientar que, entre as empresas que não têm coleção própria, a perceção é diferente, sendo mais as respostas que apontam para um crescimento dos preços do que as que indicam o oposto.

EM PORTUGAL



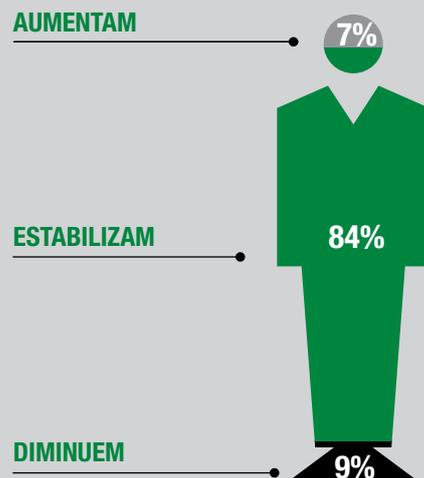
NO ESTRANGEIRO



Pessoas ao serviço

EVOLUÇÃO DO EMPREGO

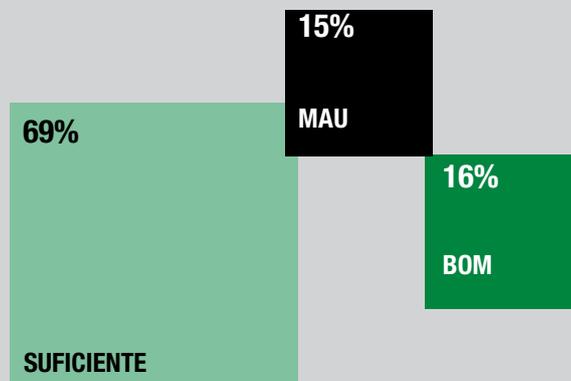
Também as respostas relativas à evolução do **número de pessoas ao serviço** das empresas apontam, de forma largamente maioritária (84%), para a estabilidade. O saldo de respostas extremas foi negativo em 2 p.p., valor pouco significativo face ao histórico das respostas nesta matéria. De salientar, ainda, que, entre as empresas de média e grande dimensão, este saldo é positivo, sugerindo que a evolução do emprego no setor possa ser mais favorável do que resulta dos números anteriores.



Estado dos negócios

Sete em cada dez empresas inquiridas entendem que o **estado atual dos negócios** é suficiente. O saldo entre o número de inquiridos que entendem que o estado dos negócios é bom e mau é praticamente nulo, resultado ligeiramente mais favorável do que no trimestre anterior, o que demonstra a resiliência do setor face a um enquadramento económico pouco favorável, tanto em Portugal como nos principais mercados de exportação.

A maioria das empresas (53%) entende que a situação permanece sensivelmente inalterada face à mesma altura do ano anterior, mas as que afirmam que se degradou superam em 11 p.p. as que dizem que melhorou, denotando uma previsível degradação da conjuntura setorial.



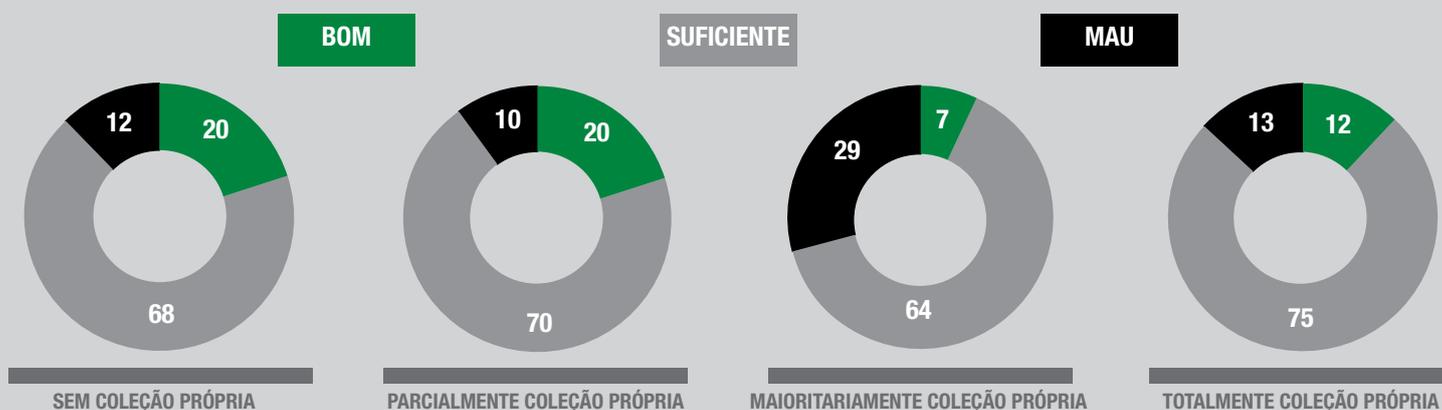
PERÍODO HOMÓLOGO



Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas

Apesar da degradação da sua situação que transparece de respostas anteriores, as empresas para quem a coleção própria tem menor peso nas vendas mantêm uma apreciação sobre o estado dos negócios, tal como

espelhada pelo seu saldo de respostas extremas, mais favorável do que as suas congéneres.



Limitações à produção

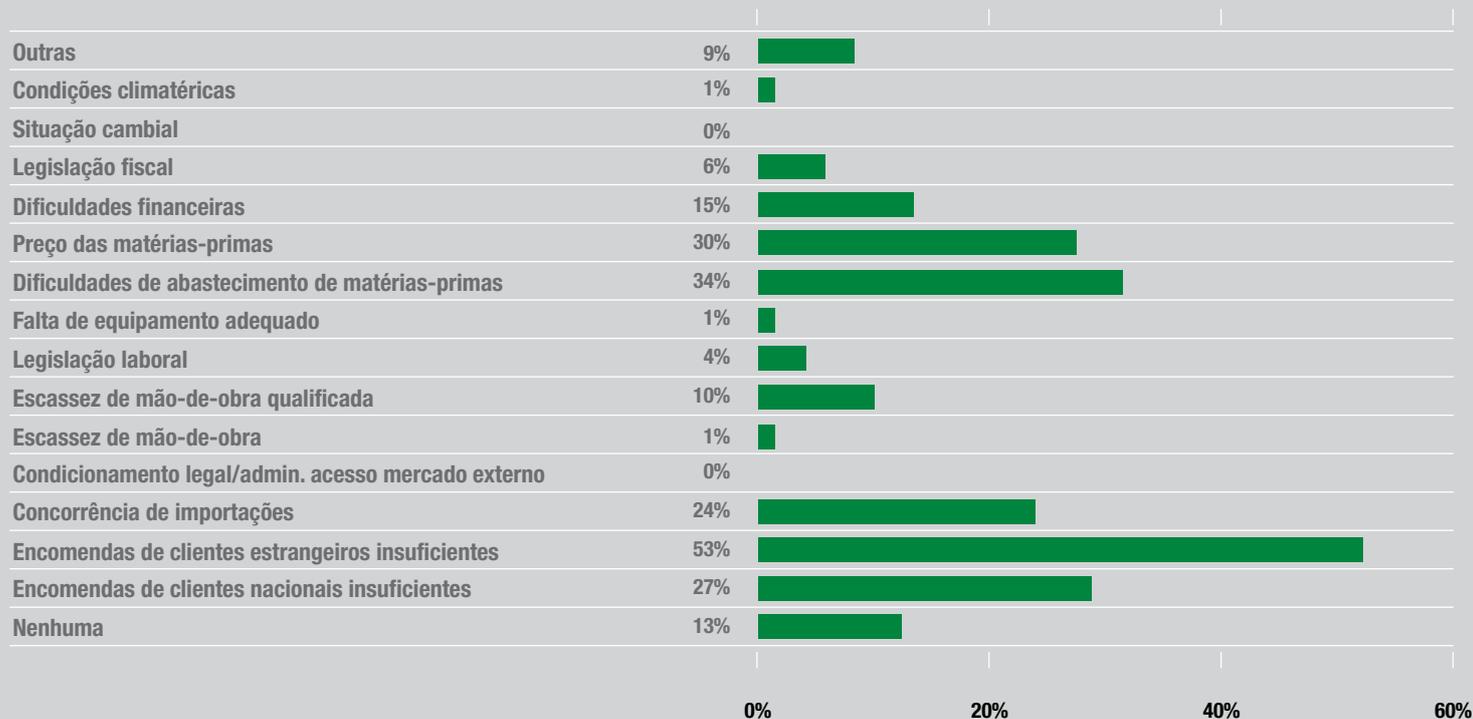
Os sinais de degradação da conjuntura setorial são muito significativos nas respostas das empresas quanto às limitações que enfrentam. Em particular, a percentagem de empresas que dizem não enfrentar nenhuma dificuldade, que, no passado, só esporadicamente desceu abaixo dos 20%, cai agora para 13%, o segundo valor mais baixo desde que, em 1995, se iniciou a publicação deste boletim. O aumento das referências a dificuldades financeiras, mencionadas por 15% dos inquiridos, uma percentagem elevada face ao histórico do setor, é outro indício da evolução desfavorável da situação.

Mais de metade dos inquiridos (53%) afirma estar confrontado com insuficiência de encomendas do estrangeiro. Este fator lidera, como habitual, as preocupações empresariais, sendo mais referido pelas empresas de média do que pelas de menor dimensão. Quanto à insuficiência

de encomendas de clientes nacionais e à concorrência das importações, são mencionadas por uma em cada quatro empresas, não se tendo registado variação significativa face ao trimestre anterior.

De forma algo inesperada, face a uma evolução pouco favorável da produção, o tipo de limitações que registou um maior crescimento no último trimestre de 2012 foram as dificuldades no abastecimento de matérias-primas. Sendo mencionada por 34% das empresas, esta limitação ascendeu à segunda posição entre as preocupações dos inquiridos, seguida de perto pelo preço das matérias-primas, com 30% de referências.

Depois da quebra para níveis invulgarmente baixos registada no trimestre passado, as referências a falta de mão-de-obra qualificada aumentaram para 10%, dentro dos padrões habituais no setor. As referências a falta de mão-de-obra, em termos absolutos, continuam a ser apenas residuais, como também acontece com as menções à falta de equipamento adequado.



Tendências da produção

As perspectivas formuladas pelos inquiridos para a evolução da **produção** no início de 2013 são bastante favoráveis: as empresas que preveem o seu aumento superam em 14 p.p. as que receiam a sua redução, embora sendo maio-

ritária a opinião de que se manterá estável. As previsões são tendencialmente mais favoráveis entre as empresas mais orientadas para o mercado nacional.

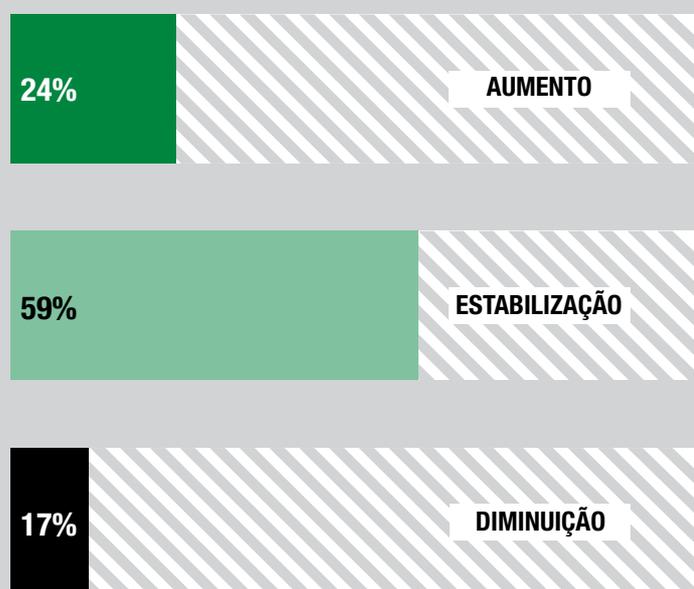


Perspetivas de encomendas

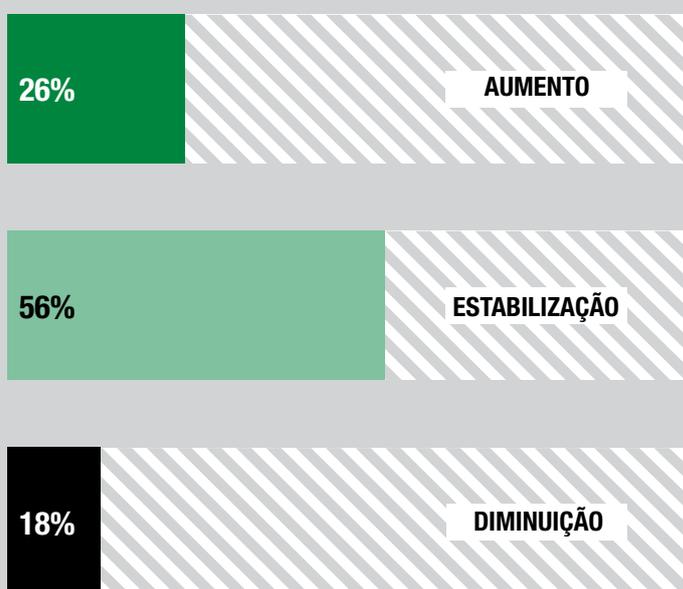
As perspectivas para a produção estão alicerçadas em perspectivas semelhantes para a **carteira global de encomendas**: embora 59% das empresas acreditem na sua manutenção, as que esperam um reforço excedem em 7 p.p. as que receiam a diminuição. Depois da performance pouco favorável no trimestre agora terminado, as empresas com menor peso de coleção própria nas vendas estão mais otimistas quanto ao crescimento das encomendas.

As previsões relativas à **carteira de encomendas do estrangeiro** são praticamente idênticas, embora, nesse caso, os resultados não apresentem uma relação clara com o peso da coleção própria nas vendas.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

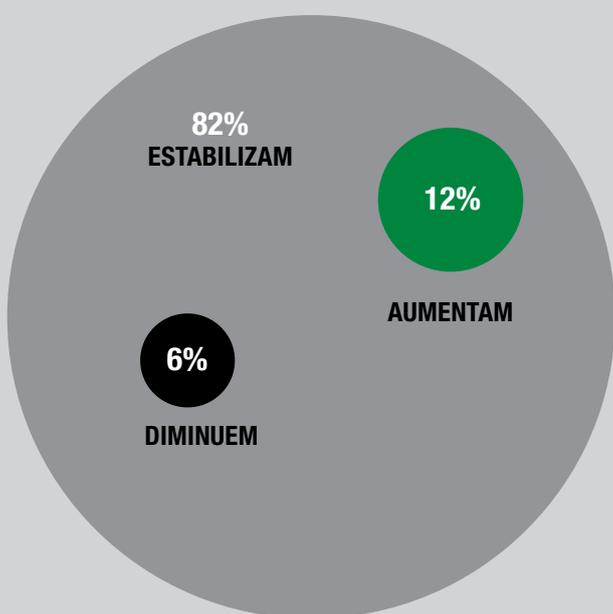


Perspetivas de preços de venda

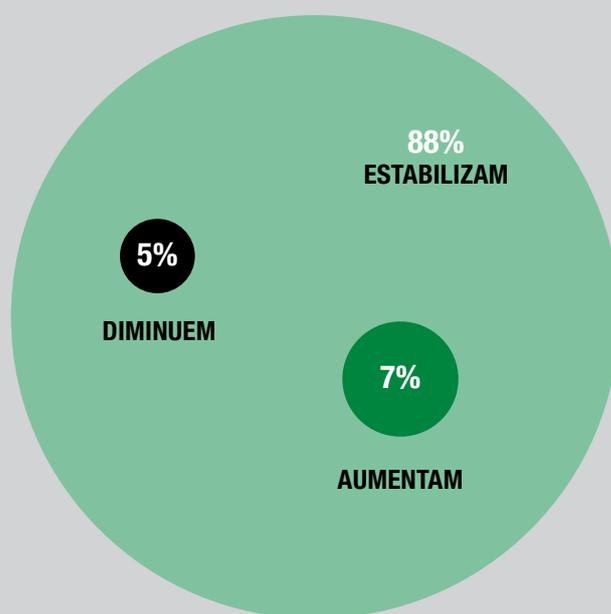
Como habitual, aproximadamente 4 em cada em 5 empresas esperam que os **preços em Portugal** se mantenham inalterados. Contudo, o saldo entre as previsões de aumento e de diminuição é positivo em 6 p.p., o resultado mais elevado do último ano, traduzindo uma tendência de crescimento.

Em contrapartida, o s.r.e. relativo aos **preços no estrangeiro** tem vindo a diminuir, sendo agora de apenas +2 p.p., apontando para uma tendência de estabilidade, como aliás indicam 90% dos inquiridos. As empresas de maior dimensão têm, no entanto, maior expectativa de subida dos preços.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

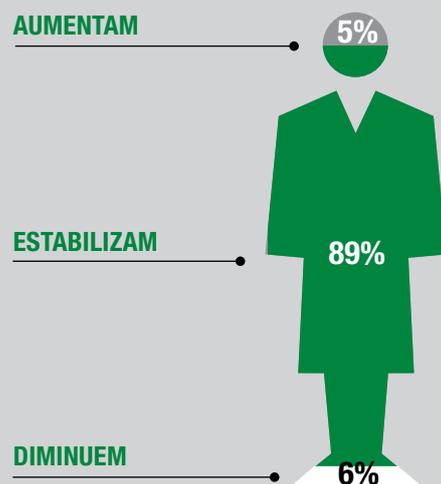


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



Perspetivas sobre o emprego

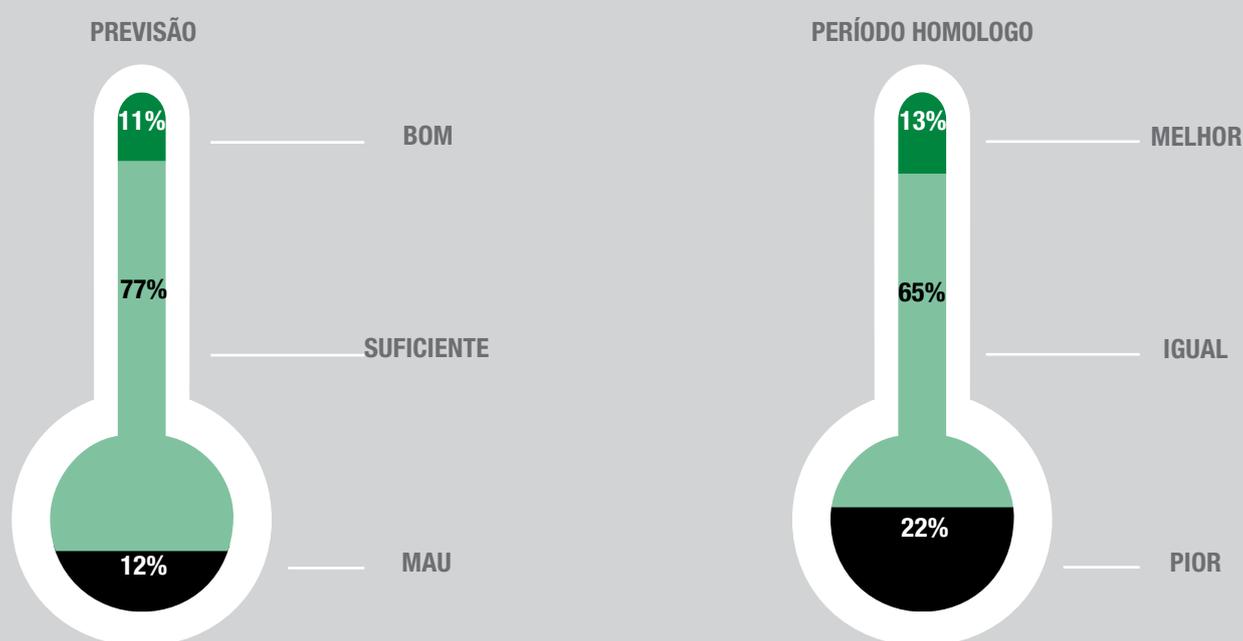
Também as perspetivas para o **número de pessoas ao serviço** são de estabilidade: 89% das empresas formulam essa previsão e o saldo entre as previsões de aumento e diminuição é de apenas -1 p.p. Tal como aconteceu no trimestre passado, estas perspetivas são mais favoráveis entre as empresas de maior dimensão.



Perspetiva sobre o estado dos negócios

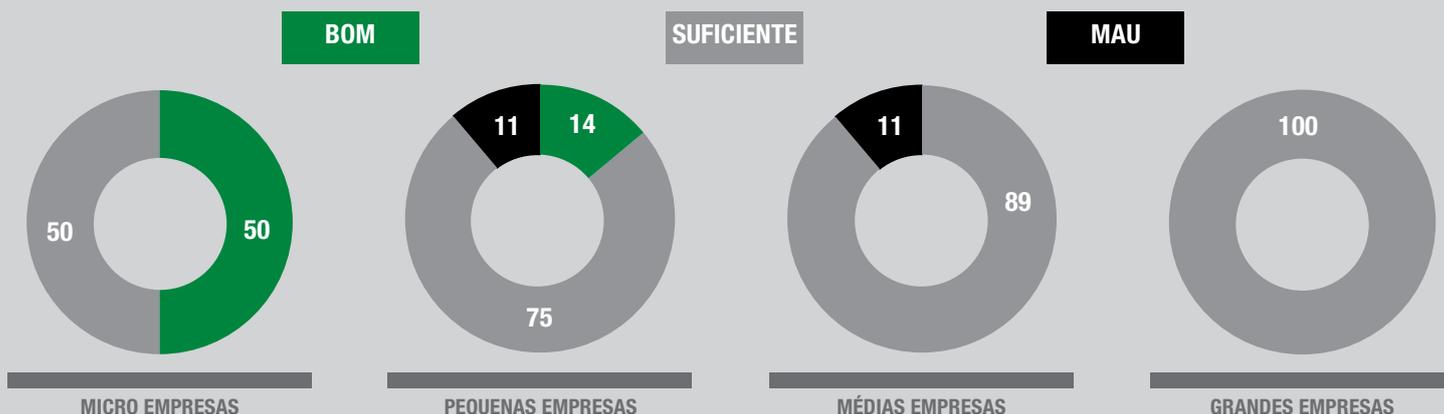
Para o início de 2013, as empresas acreditam que o **estado dos negócios** se manterá suficiente: essa é a indicação de 77% dos inquiridos, sendo os que acreditam que seja bom (11%) em percentagem praticamente idêntica aos que receiam que seja mau (12%).

No entanto, quando as empresas são chamadas a comparar a situação previsível para o primeiro trimestre de 2013 com a verificada um ano antes, as respostas que apontam para uma degradação da situação superam em 9 p.p. as que indicam o oposto, refletindo o agravamento da conjuntura setorial.



Apuramento dos resultados

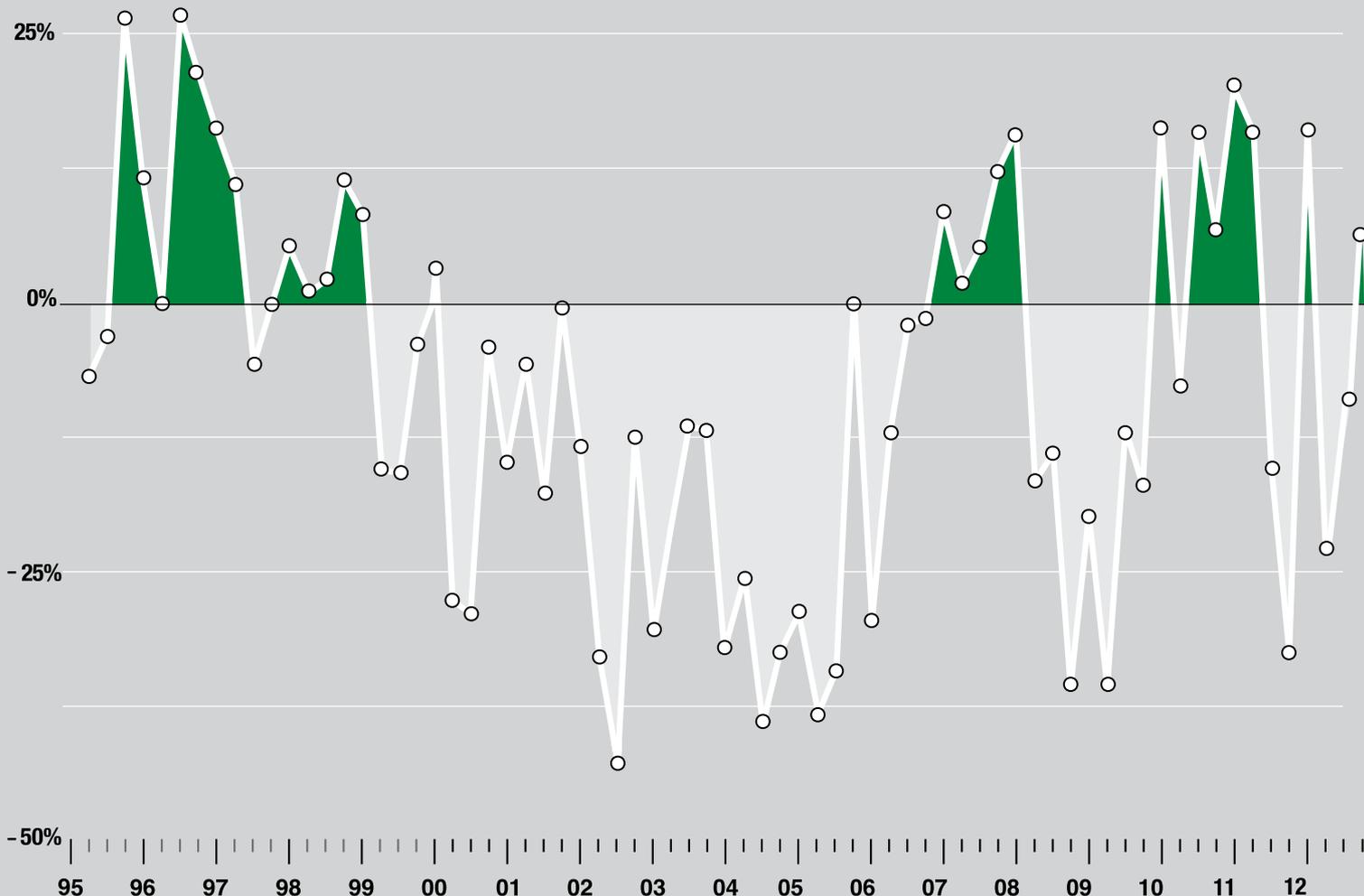
Apuramento dos resultados por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas. Tal como no trimestre anterior, as empresas com menor peso da coleção própria nas vendas apresentam perspetivas para o estado dos negócios mais favorável do que as suas congéneres. Ao contrário do que então aconteceu, o mesmo acontece entre as empresas de menor dimensão.



Indicador de Síntese

Expectativas Empresariais

As perspetivas positivas para o início de 2013 que as empresas formularam quanto a vários aspetos da sua atividade refletem-se numa nova melhoria do indicador síntese de expectativas empresariais, que passa dos -7 p.p. registados no trimestre anterior para +4 p.p.



No início de 2013, as empresas preveem que as dificuldades de mercado continuem a acentuar-se: quase 60% esperam enfrentar insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros e 31% admitem o mesmo em relação aos clientes nacionais. Esperam também um agravamento dos problemas com o preço das matérias-primas, fator mencionado por 34% dos inquiridos, mas algum abrandamento das dificuldades no seu abastecimento. Quanto aos restantes aspetos sobre que são inquiridas, as perspetivas formuladas são semelhantes à

situação no trimestre agora terminado, sendo o número de empresas que não esperam qualquer limitação exatamente idêntico ao das que agora declararam não as enfrentar.

Notas de Conjuntura

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística, no último trimestre de 2012 a economia portuguesa continuou a retrair-se, embora aparentemente a ritmo mais lento do que em períodos anteriores:

“Em Portugal, o indicador de clima económico diminuiu ligeiramente em dezembro, mantendo o movimento descendente iniciado em setembro. O indicador de atividade económica, disponível até novembro, registou reduções ligeiramente menos expressivas nos últimos dois meses, contrariando o comportamento anterior. O indicador de consumo privado apresentou uma diminuição homóloga menos acentuada em novembro, refletindo sobretudo o contributo menos negativo da componente de consumo corrente. O indicador de FBCF, embora continuando a diminuir de forma expressiva, apresentou reduções menos intensas em outubro e novembro, em resultado da evolução menos negativa das componentes de construção e de material de transporte. Relativamente ao comércio internacional de bens, em termos nominais, as exportações e importações registaram variações homólogas de -0,1% e -3,6% em novembro (3,7% e -1,0% no mês anterior), respetivamente.”

Instituto Nacional de Estatística, Síntese Económica de Conjuntura, dezembro 2012

Em janeiro, o Fundo Monetário Internacional atualizou as suas perspetivas para a economia mundial. O Fundo prevê que 2013 seja um ano de crescimento moderado na economia mundial mas antecipa uma quebra da atividade na área euro:

“Prevê-se que o crescimento global aumente em 2013, dado que se espera que os fatores subjacentes à moderação da atividade global se atenuem. No entanto, esta recuperação deve ser mais lenta do que nas projeções do World Economic Outlook de outubro de 2012. As medidas de política reduziram os riscos de crise aguda na área euro e nos Estados Unidos. Mas, na área euro, o regresso à recuperação, depois de uma contração prolongada, está demorado. Apesar do Japão ter deslizado para uma recessão, prevê-se que o estímulo impulse o crescimento no curto prazo. Simultaneamente, as políticas permitiram uma modesta retoma do crescimento nalgumas economias de mercado emergentes, embora outras continuem a debater-se com a débil procura externa e com problemas internos. Se os riscos de crise não se materializarem e as condições financeiras continuarem a melhorar, o crescimento global poderá ser superior ao previsto. No entanto, os riscos negativos continuam significativos, incluindo os de renovadas dificuldades na área euro e os de uma excessiva consolidação fiscal no curto prazo nos Estados Unidos. As medidas de política devem atalhar urgentemente a estes riscos. (...)”

As perspetivas de curto prazo para a área euro foram revistas em baixa, embora os progressos nos programas de ajustamento nacionais e o fortalecimento da resposta política à crise da área euro no conjunto da EU tenham reduzido os riscos extremos e melhorado as condições de financiamento para os Estados da periferia. Espera-se agora que a atividade se contraia 0,2 por cento em 2013 em vez de crescer 0,2 por cento. Isto reflete a demora na transmissão da redução dos spreads dos Estados e da melhoria da liquidez bancária às condições de crédito ao setor privado e a, ainda alta, incerteza acerca da resolução definitiva da crise, apesar dos progressos recentes. Durante 2013, contudo, estes travões devem começar a abrandar, desde que as projetadas reformas políticas de resposta à crise continuem a ser implementadas.”

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook update, janeiro 2013¹

Com particular relevo para a indústria de calçado, o FMI prevê um crescimento de apenas 1% no conjunto na área euro, para onde se dirige a maioria das exportações do setor.

Também em janeiro de 2013, a “troika” realizou o 6º exercício de avaliação do programa de assistência financeira internacional ao nosso país. De acordo com o relatório preparado pelo staff do FMI:

“(…) as perspetivas de curto prazo [para a economia portuguesa] permanecem incertas, mantendo-se grandes desafios económicos de médio prazo. Com o crescimento a abrandar nos parceiros comerciais, a economia permanecerá provavelmente em recessão em 2013 e o desemprego continuará a aumentar apesar dos níveis record que já atingiu. Para lá do curto prazo, manter e estabilizar a disciplina fiscal e desalavancar os balanços do setor privado permanece indispensável, mas implica também ventos contrários ao crescimento. Em particular, o ajustamento fiscal tem que continuar apesar da quebra de receitas – refletindo parcialmente um ajustamento externo mais rápido e uma composição menos favorável da base fiscal – ter atrasado a obtenção das metas de défice nominal originais. Desenvolver setores transacionáveis mais competitivos e simultaneamente reduzir as margens excessivas dos setores não transacionáveis requer reformas estruturais politicamente difíceis. Ultrapassar estes desafios continuará a testar o, até agora admiravelmente resistente, consenso social e político em Portugal.”

Fundo Monetário Internacional, Staff report for the Sixth Review Under the Extended Arrangement and Request for Waivers of Applicability and Nonobservance of End-September Performance Criteria, 18 janeiro 2013¹

**PORTU
GUESE
SHOES**
DESIGNED BY
THE FUTURE



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional